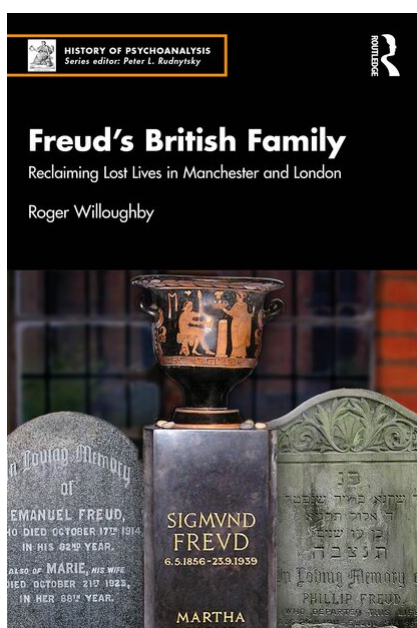




Uma reparação necessária na historiografia freudiana: Recensão de *Freud's British Family*, de Roger Willoughby¹

André Schüller²

Mais do que uma simples investigação histórica sobre a formação de Sigmund Freud, a obra em análise apresenta uma resposta firme — sustentada por uma investigação simultaneamente rigorosa e sensível — ao silêncio persistente que, há décadas, recobre aspectos centrais da biografia daquele que viria a tornar-se a figura mais amplamente associada ao campo da psicanálise. Logo na introdução, Roger Willoughby confronta o leitor com a questão central que orienta o seu trabalho: “É bastante irónico que uma investigação como esta ainda seja necessária”, observa o autor. Afinal, “enquanto prática, a psicanálise sempre se interessou por histórias silenciadas; paradoxalmente, porém, os seus praticantes demonstraram, não raras vezes, pouco interesse pela história da própria disciplina” (Willoughby, 2025, p. 1).

Publicado em Outubro de 2024 pela Routledge, *Freud's British Family* — obra recente no panorama da historiografia freudiana — debruça-se sobre os destinos de Emanuel e Philipp Freud, meios-irmãos de Sigmund Freud, bem como sobre o

¹ WILLOUGHBY, Roger. *Freud's British Family: Reclaiming Lost Lives in Manchester and London*. 1.ª ed. Londres: Routledge, 2024. A recensão baseia-se na versão digital da obra, cujo copyright é indicado como 2025.

² Psicanalista e biógrafo, autor de *Como tudo (finalmente) começou: as histórias documentadas da mãe, do pai e do mentor de Freud* (2025). Consultor do Museu Freud em Příbor (2025/2026).

percurso dos seus descendentes. Durante décadas negligenciadas pela historiografia especializada, estas figuras recebem neste volume um tratamento documental particularmente rigoroso. Willoughby articula correspondência inédita trocada entre Freud e este ramo familiar com dados provenientes de recenseamentos do início do século XX, certidões de nascimento e de óbito, registos fotográficos e informações residenciais relativas a cidades como Londres, Manchester, Salford e Lancaster. A partir desse conjunto de fontes, constrói-se uma narrativa organizada em onze capítulos.

Antes de uma análise mais detalhada desses capítulos, importa sublinhar o cuidado didáctico que sustenta este projecto. Consciente do volume e da diversidade da informação apresentada a dois públicos — leitores familiarizados ou não com a historiografia da família Freud —, Willoughby estrutura cada capítulo com uma introdução, seguida do desenvolvimento narrativo e de uma conclusão que recupera os pontos essenciais. Merece também atenção a leitura das notas finais, onde se encontram dados adicionais sobre os acervos consultados, bem como observações e curiosidades que ajudam a contextualizar o alcance da obra.

No que respeita ao sumário de *Freud's British Family*, merecem destaque dois aspectos. Em primeiro lugar, a amplitude do arco histórico percorrido: desde meados da década de 1850 — quando os filhos do primeiro casamento de Jacob Freud ainda conviviam com o pai e com a nova família formada com Amalia — até à segunda metade do século XX, acompanhando os descendentes de Emanuel (1832–1914) e Philipp Freud (1834–1911). Em segundo lugar, importa assinalar que o capítulo nove recebeu um comentário elogioso de um dos mais reputados historiadores da psicanálise da actualidade, Christfried Tögel³, ao revelar o paradeiro de Johann (“John”) Freud, meio-sobrinho mais velho de Sigmund e a sua primeira companhia de brincadeiras. O elogio mostra-se justificado: durante anos, abordagens sensacionalistas especularam sobre o desaparecimento de John, chegando a atribuir a Freud condutas discutíveis. A leitura proposta por Tögel cumpre aqui dupla função: reconhecer o carácter inédito do trabalho de Willoughby e recordar aos comentadores que a investigação rigorosa deve preceder qualquer suspeita.

³ “No seu livro, a parte mais interessante para mim foi o êxito em resolver o enigma de John”, afirmou literalmente Christfried Tögel no dia 13 de Março de 2025, durante a apresentação pública de *Freud's British Family* no museu dedicado a Freud, em Viena. A intervenção foi gravada e posteriormente disponibilizada no canal oficial do museu no YouTube, sendo possível ouvir esta observação a partir de 1h25min da gravação.

Quanto ao corpo do texto elaborado por Willoughby, o ponto de partida é o retrato das figuras que integraram o quotidiano do pequeno Freud, nascido e residente em Freiberg até aos três anos de idade. Intitulado *A família Freud: lugares de pertença, imaginação e diáspora*, o capítulo apresenta os pais, os irmãos então presentes,⁴ os meios-irmãos e as primeiras companhias de brincadeira — John e Pauline —, compondo aquilo que pode ser entendido como a sua primeira rede de afectos cruzados.

Outro propósito desta reconstrução parece ser evidenciar um acontecimento decisivo na constituição subjectiva de Freud, desencadeado por uma cisão familiar em 1859. Nesse ano, uma crise comercial levou Jacob, a nova esposa, os filhos e os descendentes do primeiro casamento a reorientarem os seus percursos de vida. Após uma tentativa falhada de estabelecimento em Leipzig, Jacob, Amalia, Sigmund e Anna mudaram-se para Viena, enquanto Emanuel, a esposa, os filhos e Philipp seguiram para a Grã-Bretanha. Este desfecho revelou-se crucial para que Freud assumisse simbolicamente a posição de “primogénito” — estatuto que detinha como filho mais velho de Amalia Nathansohn, mas que perdera em Freiberg devido à presença dos meios-irmãos e à morte do irmão Julius, em 1858. Com a separação familiar, Freud passou a ocupar o centro da cena e interiorizou essa narrativa como parte da sua identidade. Assim, a deslocação de 1859 representou algo mais profundo do que uma simples mudança de cidade: constituiu um marco decisivo na formação do futuro psicanalista.

Nos capítulos subsequentes, o autor aprofunda a trajectória dos agora “britânicos” irmãos de Freud. Emanuel e Philipp surgem como protagonistas de uma espécie de epopeia às avessas: homens que, longe de idealizações, enfrentaram dívidas, deslocações, fracassos e recomeços. Os imóveis arrendados em série, as perdas pessoais, as frequentes mudanças de residência — sobretudo no caso de Emanuel — e a presença nos tribunais de falência em 1860 ilustram parte dos desafios rastreados por Willoughby. Destaca-se também a notável capacidade de recomposição deste ramo familiar, bem como o vínculo que o jovem Freud manteria com ambos ao longo do seu crescimento.

É interessante observar que Emanuel se afirmou como um comerciante pragmático, abrindo espaço para novas tentativas no sector de artigos importados e procurando consolidar-se no mercado inglês. Defensor da anglicização dos

⁴ Julius e Anna Freud: Julius nasceu em meados de Outubro de 1857 e faleceu aos seis meses, em 15 de Abril de 1858, quando Sigmund tinha exactamente 1 ano, 11 meses e 9 dias; Anna nasceu a 31 de Dezembro de 1858.

nomes dos filhos e adepto de uma religiosidade moderada, tornou-se também um agente activo da assimilação cultural. Esta identidade híbrida, marcada por tensões entre tradição e adaptação, repercutir-se-ia mais tarde na forma como Freud lidaria com a sua própria herança judaica.

Neste contexto, Manchester emerge como um verdadeiro laboratório de assimilação. Para os irmãos “ingleses” de Freud, tratava-se de um espaço onde apagamento e reconstrução se entrelaçavam. A cidade oferecia oportunidades comerciais — em virtude da sua posição estratégica no comércio de linho e de artigos de luxo, sectores nos quais os sócios da Freud & Co. se encontravam envolvidos —, além de um ambiente social e religioso diversificado, marcado pela presença de comunidades judaicas ortodoxas e reformistas em expansão.

Um ponto particularmente relevante da investigação apresentada reside na análise da primeira carta de Freud, ainda em criança, dirigida a Emanuel. Longe de se tratar de uma simples curiosidade biográfica, o documento é interpretado como uma tentativa precoce de reorganização de uma paisagem afectiva então desestruturada.

Entre as descobertas apresentadas por Willoughby, merece destaque a reconstituição da figura de Philipp Freud, frequentemente considerada marginal na vida de Sigmund e associada a um percurso comercial pouco bem sucedido. O autor contesta essa leitura, apresentando novos dados, entre os quais uma imagem inédita de Philipp. Ao contrário de Emanuel, que incorporou valores iluministas e o estilo burguês vitoriano, Philipp seguiu um percurso mais discreto, tanto no plano religioso como na vida quotidiana. Em determinado momento, desenvolveu uma trajectória comercial própria e manteve contactos esporádicos com Sigmund.

Todo o material reunido em *Freud's British Family* articula-se, ao longo da leitura, com a própria figura de Freud. Um exemplo particularmente significativo é o reencontro entre Freud e John, ocorrido em 1870, durante uma visita de Emanuel e do seu filho a Viena. Freud, então com 14 anos, encenou com o amigo de infância a peça *Die Räuber*, de Schiller, para um grupo de crianças. A escolha do texto, como recorda Willoughby, revela-se relevante para o percurso ulterior de Freud, que viria mais tarde a mencioná-lo num sonho analisado na sua obra maior de 1899 (*A Interpretação dos Sonhos*) (Freud, 1899/1900).

À medida que a leitura avança, torna-se igualmente evidente outro aspecto central: a construção de uma genealogia da psicanálise que se desenvolve em

paralelo com o amadurecimento da visão de mundo de Freud, desde cedo marcada pela influência dos familiares “britânicos”. Não surpreende, assim, que Freud tenha mantido uma impressão globalmente positiva da Inglaterra — sendo, nesse sentido, particularmente eloquente o facto de a sua morte ter ocorrido em Londres.

A obra aborda ainda os acontecimentos que conduziram à morte accidental de Emanuel, uma perda profundamente sentida por Freud, e oferece um retrato comovente dos meios-sobrinhos, com especial destaque para John e Poppy. Um tema menos explorado, mas de grande relevância, surge no capítulo dedicado aos últimos 476 dias de Freud em Londres. Willoughby concentra-se nos episódios que antecederam a morte do psicanalista, em 22 de Setembro de 1939, apresentando um dos segmentos mais marcantes do livro. O autor recusa aderir à narrativa da chamada “eutanásia heroica”, amplamente difundida como o último acto — supostamente exemplar — de Freud. Em alternativa, propõe uma leitura mais estritamente ancorada nos factos, oferecendo uma reconstrução mais coerente e detalhada desse momento decisivo.

Em síntese, o trabalho de Willoughby resulta numa abordagem simultaneamente rica e equilibrada: fornece respostas, ao mesmo tempo que reabre questões. O livro permanece fiel à função biográfica, mas ultrapassa-a ao desmontar mitos, humanizar as figuras envolvidas e apostar numa escuta atenta como ferramenta privilegiada de conhecimento histórico. Mais do que uma contribuição historiográfica, *Freud's British Family* convida a revisitar Freud a partir das suas raízes esquecidas, dos vínculos que o moldaram e da sua notável capacidade — familiar e subjectiva — de seguir em frente.

Referências

Freud, S. (1899). *Die Traumdeutung*. Leipzig/Viena: Franz Deuticke.

Willoughby, R. (2024). *Freud's British Family: Reclaiming Lost Lives in Manchester and London*. Londres: Routledge. (Versão digital consultada; copyright 2025).